

O som que vocês escutam provém de minhas nascentes, localizadas a noroeste do município de Mariana (RODRIGUES, 2012, p. 27). Fluindo através das montanhas, elas dão origem a pequenos córregos, que já no século XX, receberam denominações como Ouro Fino, Santarém (também chamado de Moisés), Fundão e Mirandinha (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 23; 100).

Não se espantem de, sendo eu um rio, ter uma voz feminina: em tradições ancestrais, como as ameríndias e afrobrasileiras, a água é relacionada a atributos comumente associados a esse gênero, como a fecundidade, a sensibilidade afetiva, a expressão de dimensões misteriosas da vida e a incrível combinação entre fluidez e resistência (ROTTA, 2010, p. 95; 104).

Me foi atribuído o nome de rio Gualaxo, palavra que no idioma tupi-guarani significa “os que comem como as garças”. Em meu trajeto, percorri, durante séculos, várias localidades, depois denominadas Camargos, Bento Rodrigues, Bicas, Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Paracatu de Baixo, Pedras e Campinas. A partir desse ponto, deságuo no rio do Carmo, já no município de Barra Longa (RODRIGUES, 2012, p. 27). Como o Carmo também recebe outro rio de nome Gualaxo, fui chamado de Gualaxo do Norte e, ele, Gualaxo do Sul. Fazemos parte da bacia hidrográfica do Rio Doce, que corta os estados de Minas Gerais e do Espírito Santo até chegar no Oceano Atlântico (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 23).

Ao longo de meu percurso, vários córregos iam desembocando em meu leito, que corre à esquerda da Serra de Antônio Pereira, integrante da cordilheira do Espinhaço. Esse nome, numa menção

ao formato pontiagudo da cadeia de montanhas, foi conferido no século XIX pelo geógrafo e metalurgista germânico Eschwege. Trata-se de uma região de incrível beleza natural, com grande multiplicidade de sons, na maior parte provindos de sua fauna. Assim, me era possível escutar, dia-a-dia, o canto de pássaros, como o do sabiá-laranjeira; o estrilar da maritaca verde; os guinchos do mico-estrela e até mesmo, vez por outra, os rugidos da jaguatirica. Esses e outros tantos animais tinham o seu habitat nas matas de galeria, um tipo de flora cujas copas das árvores, ao se encontrarem, formam uma espécie de túnel, enquanto suas raízes, crescidas ao longo dos rios, mantém a água corrente, impedindo a erosão (LOPES, 2016, p. 9).

Em épocas bastante remotas, eu era percorrido por grupos nômades, antepassados dos indígenas que habitavam o local quando da chegada dos primeiros sertanistas. Próximo ao córrego Mirandinha, situado no atual povoado de Camargos, esses grupos gravaram pinturas nas pedras, tornando esta área um valioso patrimônio histórico-arqueológico (UFMG/ICOMOS, 2019, p. 25)

Quase nada se sabe sobre esses primeiros habitantes, assim como são desconhecidos os modos de vida dos indígenas que se deslocavam seguindo minhas margens já no final do século XVII. Eles foram denominados, durante algum tempo, como Cataguá e Guarachué, sendo pertencentes ao tronco linguístico macro-Jê. O viajante Antonil, inclusive,



G U A L A X O  
D O R I O D O C E

chegou a denominar a região, em 1711, “Minas dos Cataguás”. Porém, atualmente, diversos pesquisadores consideram ser este um vocábulo de designação muito genérica, tendo sido aplicado a grupos étnicos bastante diferentes (FERNANDES, 2011). Desta maneira, os bandeirantes paulistas, que costumavam ser fluentes na língua tupi, teriam empregado o termo Cataguá para designar todos aqueles “que viviam no mato junto ao rio”, numa combinação das palavras caá (que significava mata), tã (farta em caça) e guá (enseada ou foz) (FERNANDES, 2011). Os gentios Cataguá foram perseguidos e exterminados no final do século XVII por bandeiras de apresamento indígena, como as lideradas por Lourenço Castanho Tacques, o velho. Os poucos sobreviventes fugiram para os sertões do extremo oeste de Minas (RIBEIRO, 2008, p. 44).

Um dos poucos registros desses grupos é o dos instrumentos musicais por eles utilizados, similares àqueles de outras etnias do tronco Jê em Minas Gerais, a exemplo dos Maxacali, que vivem mais ao nordeste nesse estado. Através das músicas entoadas pelos Maxacali na contemporaneidade, podemos escutar a reverência às águas, como as que correm por meu leite, e o apelo por sua preservação.



GUALAXO  
VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

FERNANDES, Renata Silva. *Indígenas na historiografia mineira: estudo de caso*. 2011. Disponível em: [http://snh2011.anpuh.org/resources/download/1280371879\\_ARQUIVO\\_indigenasnahistoriografia-mineira-anpuhsp.doc](http://snh2011.anpuh.org/resources/download/1280371879_ARQUIVO_indigenasnahistoriografia-mineira-anpuhsp.doc). Acesso em 4 ago. 2019.

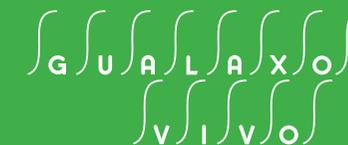
LOPES, Luciano M. N. O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais. *Sinapse Múltipla*, v. 5, n. 1, jun 1-14, 2016.

RIBEIRO, Núbia Braga. *Os povos indígenas e os sertões das minas de ouro no século XVIII*. 2008. 405 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

RODRIGUES, Aline Sueli de Lima. *Caracterização da bacia do rio Gualaxo do Norte, MG, Brasil: Avaliação geoquímica ambiental e proposição de valores de background*. 2012. 162f. Tese de Doutorado, Departamento de Geologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2012.

ROTTA, Raquel Redondo. *Espíritos da mata: sentido e alcance psicológico do uso ritual de caboclos na umbanda*. 2010. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências Psicológicas). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, Ribeirão Preto, 2010.

UFMG/ICOMOS. *Dossiê de tombamento de Bento Rodrigues*. Belo Horizonte, maio 2019. Disponível em: <http://patrimoniocultural.blog.br/wp-content/uploads/2019/06/DOSSIE-BENTO-ICOMOS-2019.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2019.



GUALAXO  
VIVO

HISTÓRIAS ATRAVÉS DE SONS